

José Alberto dos Reis  
Director da Faculdade de Direito de Coímbra

---

A formação social do inglês  
e do alemão  
e a educação portuguesa

---

Oração *De Sapientia*,  
proferida  
na Sala dos Actos Grandes da Universidade de Coímbra  
no dia 30 de Novembro de 1918



COIMBRA  
F. FRANÇA AMADO, EDITOR  
—  
1919

RC  
MNCT  
37  
REI



1. 9. mo. hon. Dr.

Silvino Felício, dignis-  
simo professor do liceu  
de Coimbra,

Com muita es-  
tíma,

J.  
J. Alberto dos Reis  
Coimbra, 14-3º-719

A formação social do inglês  
e do alemão  
e a educação portuguesa

Composto e impresso na Tipografia França Amado,  
rua Ferreira Borges, 103 — Coimbra.

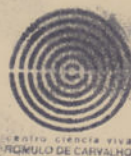
José Alberto dos Reis  
Director da Faculdade de Direito de Coímbra

---

A formação social do inglês  
e do alemão  
e a educação portuguesa

---

Oração *De Sapientia*,  
proferida  
na Sala dos Actos Grandes da Universidade de Coímbra  
no dia 30 de Novembro de 1918



AC  
MNCT  
37  
REI

COIMBRA  
F. FRANÇA AMADO, EDITOR  
—  
1919



À MEMÓRIA  
DO  
DR. SIDÓNIO PAIS

HOMENAGEM DE ADMIRAÇÃO  
E DE SAÚDE





Ex.<sup>mo</sup> Snr. Presidente da República ;  
Digníssimo Secretário de Estado da Instrução ;  
Ilustre Reitor da Universidade ;  
Professores de todas as Faculdades ;  
Minhas Senhoras ; e  
Meus Senhores :

As minhas primeiras palavras serão de saúdação :  
enternecida e carinhosa saúdação a Sua Ex.<sup>a</sup> o Senhor  
Presidente da República, que quis dar-nos a honra  
penhorante de vir presidir a esta solenidade. E tanto  
mais enternecida e carinhosa é a minha saúdação quanto  
é certo que é com a mais viva saúdade que eu recordo  
os tempos, já distantes, em que tive o grato prazer de  
apreciar, aqui em Coímbra, a camaradagem leal, afe-  
ctuosa e insinuante do Snr. Dr. Sidónio Pais.

É em nome dêsse passado que eu agora o saúdo.

E quero também neste acto significar que a cidade  
de Coímbra tem, para com o ilustre e valoroso Presi-  
dente da República, uma dívida de gratidão que difi-  
cilmente saldará — dívida que provêm, não tanto dos  
benefícios larga e generosamente dispensados a esta  
terra, mas sobretudo da ternura e do carinho com que  
teem sido concedidos.

Fazendo parte de uma comissão que foi a Belém pedir a criação da Relação de Coimbra, eu ouvi ao Senhor Presidente da República estas palavras: « Tudo quanto faço por Coimbra vem do fundo do meu coração ».

Que a frase, profundamente sincera, fique gravada, em caracteres fortes, na memória dos conimbricenses agradecidos.

Meus Senhores :

Um conflito formidável, de proporções inconcebíveis, acaba de convulsionar o mundo inteiro. Preciosidades artísticas longamente acumuladas, maravilhas industriais laboriosamente produzidas, prodígios científicos exuberantemente espalhados — obras da natureza, criações da arte, fulgurações do génio — tudo o monstro subverteu e tragou.

Como foi possível, num século de civilização ofuscante, de progressos materiais e morais surpreendentes, uma tão pavorosa explosão de barbaria, de ferocidade, de devastação e de carnificina? E como se explica que os actos de atrocidade, de fereza bruta, de vandalismo cruel partissem precisamente da Alemanha — o país das altas filosofias e das lendas místicas, da cultura refinada e da instrução técnica, o país da ordem, da disciplina e do racionalismo?

É que o grande factor de conduta é o *character* e não a *inteligência* e pode haver antagonismo, ou pelo

menos uma falta notável de paralelismo, entre estas duas fôrças. O character mergulha as suas raizes na fonte obscura das influências affectivas e sentimentais; a intelligência bebe a sua seiva nos claros domínios das evidências racionais. O character forma-se por uma acumulação lenta de sentimentos, tanto mais fortes quanto mais incrustados estão na alma do individuo ou da raça, isto é, tanto mais enérgicos e decisivos quanto menos conscientes. Que estes sentimentos entrem em luta com as ideias e as opiniões, instáveis e flutuantes, que a instrução a cada momento faz brotar no espirito do individuo, e é fácil calcular a qual dos elementos pertencerá a vitória.

É por meio da intelligência que o homem pensa; mas é pela acção do character que o homem procede. Desta maneira, se nós desenvolvermos e cultivarmos a intelligência dum selvagem, se lhe insufflarmos no espirito as doutrinas mais generosas, as aspirações mais elevadas, os princípios mais racionais, deixando intactos os seus instintos e o seu character, êsse homem poderá comportar-se como um ser civilizado emquanto estiverem adormecidas as fôrças indomáveis do seu atavismo; mas logo que um abalo violento, uma crise individual ou social ponha essas fôrças em liberdade e em movimento, por baixo da cobertura frágil do intellectual apparecerá fatalmente a crosta espessa e rude do bárbaro. E então a sua arremetida será tanto mais perigosa e temível quanto mais desenvolvida fôr a sua sciência, mais perfeita a sua instrução, mais alta e larga a sua cultura.

Não basta, pois, meus senhores, *instruir*; é necessário sobretudo *educar*; é necessário formar o character, fortalecer as crenças, apurar os sentimentos.

O problema da educação não pode deixar de ser o problema fundamental e vital em qualquer agrupamento humano.

A guerra actual pôs em conflito não só duas civilizações opostas, mas também dois tipos de educação perfeitamente definidos e diferenciados: o tipo *inglês* e o tipo *alemão*, ou antes o tipo *anglo-saxónico* e o tipo *prussiano*.

E como nos encontramos num momento singularmente delicado da vida nacional, em que urge refazer a nossa educação colectiva, é oportuno estudar êsses tipos de civilização, fixar os seus traços e determinar os seus caracteres.

\* \* \*

Em sciência social é hoje elementar êste conceito: *a familia é a célula fundamental da sociedade*.

Mais do que no aspecto histórico, mais ainda do que no aspecto político, o conceito é rigorosamente exacto sob o ponto de vista moral e educativo: a educação que o indivíduo recebe na família, a formação moral que a família imprime inicialmente no indivíduo constitui um factor de importância capital, que faz sentir

sempre a sua influência através de todas as vicissitudes e a despeito da acção que outros agrupamentos sociais podem exercer sobre o homem.

Senão observe-se: onde quer que a família se encontre desorganizada, onde a autoridade e o poder paternal estejam em crise, nós vemos sempre a sociedade em anarquia e em decomposição e o poder público instável, flutuante, incerto, oscilando entre o arbítrio da tirania violenta e as transigências da relaxação deprimente.

Comecemos então pela família.

A família inglesa, sobretudo nas regiões em que o elemento anglo-saxão tem uma preponderância acentuada, apresenta os traços característicos e fundamentais do *tipo particularista*: os filhos são fortemente preparados para a *autonomia precoce* e para a *responsabilidade individual*. Toda a educação familiar é dirigida no sentido da emancipação gradual e progressiva da criança, por forma a torná-la um ser capaz de conquistar a independência pelo seu esforço pessoal e de assumir a plena responsabilidade das suas decisões.

Como se consegue êste resultado?

Em primeiro lugar procura-se desenvolver e cultivar sucessivamente a liberdade de proceder. Desde tenra idade as crianças começam a gozar de uma certa liberdade de movimentos; entram e saem sem constrangimento; desempenham-se de pequenas comissões; deixa-se a seu cargo a responsabilidade de algumas decisões.

À medida que vão crescendo, a emancipação vai aumentando: a liberdade alarga-se, a responsabilidade

acentua-se. De certa altura em diante, os filhos das famílias operárias teem de prover à sua sustentação; se ficam a viver com os pais, são obrigados a pagar uma certa pensão, correspondente às despesas de habitação e de alimentos. Em compensação, teem-se em conta os desejos e as inclinações dos filhos pelo que respeita aos actos que mais profundamente os interessam — o casamento e a escolha da profissão.

Ao lado da liberdade de proceder, assegura-se e cultiva-se a liberdade de pensar. O *home* inglês é uma escola de *tolerância*. A vida familiar decorre numa atmosfera de recolhimento, tranquilidade e confiança. Não há discussões, não há atritos, não há despotismos.

O lar é *silencioso* e *calmo*. Neste ambiente de serena tranquilidade, as almas concentram-se e recolhem-se, a reflexão desenvolve-se, a consciência apura-se, a personalidade moral afirma-se; e assim nascem as primeiras efflorescências dessa preciosa e inestimável qualidade dos anglo-saxões, que nos maiores transportes como nas mais fundas depressões nunca os abandona — a disciplina interna, o domínio de si mesmo, o *self control*.

Em muitas famílias inglesas vivem, lado a lado, liberais e conservadores, anglicanos e dissidentes, imperialistas e pacifistas e isto sem um choque áspero, sem um conflito rude. É que a reflexão e a disciplina interna, desenvolvidas no silêncio e na tranquilidade do *home*, ao mesmo tempo que criam a personali-

dade própria infundem o respeito pela personalidade alheia.

A *cultura* da personalidade e o *respeito* pela personalidade são dois princípios fundamentais na educação inglesa.

Pode todavia parecer que, com um tão grande desenvolvimento da autonomia e da personalidade, a educação inglesa conduz facilmente ao desregramento, ao arbítrio, à desorganização.

Não é assim, porque paralelamente com a formação da personalidade educa-se cuidadosamente o sentimento da responsabilidade.

A princípio as crianças são encarregadas de serviços ou incumbências leves; depois aumenta-se a gravidade das comissões.

A autoridade paternal é forte e severa nas primeiras idades; vai sucessivamente afrouxando como poder de coacção, intervindo apenas, mas com firmeza, nos casos extremos; à medida que diminui como fôrça de repressão, a autoridade paterna aumenta como poder de persuasão. Quere dizer: em vez de ser criadas numa atmosfera de *terror*, as crianças são antes educadas num regime de *confiança*.

Os pais deixam os filhos entregues a si, mas acompanham-nos de longe e estão prontos a intervir energicamente e com firmeza quando há abusos e desvios graves; na maior parte dos casos, limitam-se a advertências, persuasões e conselhos: explicam-lhes o mal que fiseram, põem-nos em face da sua consciência e

deixam-nos meditar e refletir sôbre o alcance e as conseqüências dos seus actos (1).

Desta maneira, se as crianças teem desde o começo a iniciativa e o gosto das suas decisões, sentem também desde logo a responsabilidade dessas mesmas decisões.

Junte-se a isto a ideia em que os filhos são criados de que nada teem a esperar dos pais e de que a sua situação na vida hão de conquistá-la pelo seu esforço próprio e pela sua acção pessoal e ter-se há descoberto a causa e a explicação dêste facto para nós doloroso: ao passo que a educação latina forma principalmente empregados e funcionários, isto é, pessoas destinadas a ser dirigidas e tuteladas, a educação da familia inglesa prepara homens aptos para a luta pela existência, capazes de se desembaraçar por si das dificuldades da vida, dotados de energia e de aptidão para talharem pelo seu braço o lugar que hão de ocupar no mundo.

Passemos à *escola*.

A escola inglesa continua e prolonga a formação da familia, dando mais alta expansão à fôrça da *personalidade* e mais acentuado vigor ao sentimento da *responsabilidade*.

Assim, cuida-se, em primeiro lugar, com especial carinho, da *educação física*, porque se entende, e bem, que sem um corpo são, sem uma armadura física bem vigorosa e bem sólida, o homem não pode ter verda-

---

(1) Paul Descamps, *La formation sociale de l'anglais moderne*, pág. 49, 51, 57, 77 a 81.



deira confiança em si para afrontar, com galhardia e com brio, as dificuldades da vida.

Que importa, na verdade, que um indivíduo seja ricamente dotado sob o ponto de vista intelectual e moral, que tenha o génio dum precursor ou a alma dum herói, se êsse indivíduo está fatalmente condenado à inacção e ao sofrimento pela miséria dum organismo enfezado e corrupto?

Um bom arcaboço físico é positivamente um instrumento de felicidade e uma condição imprescindível para uma vida activa, independente e ousada.

Sob êste aspecto, a escola inglesa não só organiza um regime de inteiro conforto e rigorosa higiene, mas torna até obrigatórios certos jogos, preferindo aqueles que, como o *foot-ball* e o *criquet*, ao lado da acção puramente fisiológica, teem uma inegável função educativa. Com efeito o *criquet* desenvolve o espirito de atenção; o *foot-ball* educa o espirito de disciplina, de solidariedade e de comando.

A educação *intellectual* visa principalmente ao desenvolvimento da personalidade. Em vez de se exercer uma forte pressão sôbre o aluno para que êle assimile a maior soma de conhecimentos, nas escolas médias procura-se principalmente aproveitar as faculdades naturais do aluno, as suas predilecções, os seus gostos, o seu *hobby*; sacrifica-se o enciclopedismo, a tendência para as generalidades à cultura da vocação, ao desenvolvimento da iniciativa pessoal.

Mas o que há de mais interessante e de mais característico na escola inglesa é a *educação moral*, a for-

mação do character; o eixo e a base desta formação é principalmente a cultura do sentimento da *responsabilidade*.

Nas escolas primárias os alunos são a princípio encarregados de olhar por um objecto: um tem a seu cargo o giz, outro a limpeza do quadro, outro os cadernos escolares, outro a ventilação da sala, etc.; da responsabilidade pelas coisas passa-se à responsabilidade pelas pessoas: primeiro confia-se a um estudante a ordem e a disciplina dum corredor, depois a ordem e disciplina duma sala, mais tarde a disciplina duma classe e por fim a direcção e o govêrno duma casa. E assim aparece a instituição curiosa dos *monitores*, que são sobretudo agentes de educação moral, tirados de entre os próprios alunos que vão lentamente e progressivamente desenvolvendo o espírito de atenção e disciplina e o sentimento da responsabilidade.

Um dos traços característicos da educação da responsabilidade é que o aluno a quem se comete a guarda dum objecto, o cuidado dum serviço ou a direcção de outros alunos não é submetido a nenhuma vigilância preventiva.

Deixa-se inteiramente à vontade.

É o regime da *confiança*, que já encontrámos adoptado na educação da familia.

Se o aluno prevarica, se não corresponde à confiança que nele se depositara, é punido; mas, antes de se chegar à repressão violenta, procura-se actuar por via da persuasão simpática, pela emoção enternecida e

suave, pondo o aluno em face da sua consciência e despertando nele o sentimento do brio e do dever (1).

Na vida da família, quando uma criança das classes elevadas comete uma falta, basta a maior parte das vezes que a *nurse* lhe diga — isso não é bonito; um *gentleman* ou uma *lady* nunca faz tal coisa; se assim continúa nunca chegará a ser um *gentleman* (2).

O efeito é surpreendente, de tal forma se tem insinuado no espirito das crianças que o *gentleman* e a *lady* constituem o ideal e o modelo de generosidade, de correcção e de honorabilidade, que todo o inglês tem a obrigação de atingir e imitar.

Também na escola, perante uma manifestação de desleixo ou um acto de indisciplina, se a falta não é extremamente grave sob o ponto de vista moral, a primeira sanção a que se recorre é o apelo para os sentimentos de independência e de dignidade: um *homem* não faz isso, isso não é digno da confiança que merecera; por êsse caminho não chega a ser um *homem*.

Estes processos podem parecer-nos pueris e ridículos a nós, latinos e meridionais, como pode causar-nos surpresa o êxito do sistema monitorial. Mas não devemos esquecer-nos de que estamos falando de anglo-saxões, isto é, de individuos que teem atrás de si uma forte formação particularista e que desde os primeiros passos na vida são educados no culto da perso-

---

(1) Paul Descamps, *ob. cit.*, pág. 140 e seguintes.

(2) Paul Descamps, *ob. cit.*, pág. 335.

nalidade, da independência, do domínio e posse de si mesmo e da responsabilidade.

A disciplina interna, o *self-control* prepara admiravelmente o anglo-saxão para a obediência, não para a obediência coactiva e externa, mas para a obediência voluntária, imposta pela consciência.

Por outro lado, o sentimento vivo e forte da personalidade e da responsabilidade, a aspiração lentamente formada na alma do anglo-saxão de se tornar um *homem* na verdadeira acepção da palavra, isto é, um ser livre e respeitável, capaz de resolver por si o problema da sua vida, tornam-no particularmente sensível a essas sugestões e a êsses apelos, em que se procura mover a sua consciência e despertar a sua dignidade.

Assim se preparam os ingleses para a vida social e para a vida pública.

Assim se formam êsses *colonos* audaciosos e intrépidos que, emancipados muito cedo do quadro familiar, se lançam, cheios de confiança e de alegria, na conquista pacífica de países novos, onde implantam sólidamente a civilização britânica; assim se forma o *gentleman* distinto e aprumado, produto característico da educação inglesa, modelo de honorabilidade, que, ou seja no mundo dos negócios, ou seja na direcção de explorações agrícolas, ou seja no exercício de funções públicas, tem a correcção por norma e a lealdade por timbre; assim se forma o homem de Estado que, saído muitas vezes das classes trabalhadoras e operárias, chega ao poder com uma consciência nítida das suas responsa-

bilidades e um sentimento perfeito do seu dever social, o que o leva a pôr toda a sua capacidade e toda a sua influência política ao serviço da causa pública, em vez de aproveitar o ensejo para servir clientelas famintas ou para satisfazer sofreguidões e interesses de seitas insaciáveis. Foi assim que se formaram essas legiões de homens que, vivendo tranquilamente e laboriosamente no comércio, na indústria e na agricultura, sem espírito guerreiro, sem preparação militar, tiveram de ser arremessadas, de um momento para o outro, de encontro ao exército mais formidável, à organização militar mais perfeita e mais forte que o mundo tem presenciado.

E quebraram essa poderosa organização, destruíram essa máquina assombrosamente agressiva!

E' certo, meus senhores, que, ao lado da Inglaterra, se encontrava a França e que o exército francês sai desta guerra iluminado da glória mais alta e mais pura, porque escreveu aí a mais bela epopeia de heroísmo e bravura, de sacrificio e de coragem, de dedicação e de martírio.

No fogo sagrado do altar da Pátria, a alma francesa consunuiu e queimou todas as rivalidades e egoísmos, todas as intrigas mesquinhas e todos os baixos interesses, e desta chama rubra e purificadora saiu a hóstia divina e pura das mais sublimes abnegações.

A alma individual fundiu-se na alma colectiva da raça, como diz Gustave Le Bon, e foi a alma ancestral dos heroicos soldados de Tolbiac, Austerlitz e Marengo

que em Verdun e no Marne opôs um dique insuperável à investida brutal das hordas teutónicas.

Mas a magnífica e soberba devoção cívica da França teria sido lamentavelmente perdida se o esforço britânico não tivesse mobilizado um exército formidável, que infligiu ao militarismo prussiano a mais dura lição. E esse exército foi fornecido pela nação menos militarista do mundo!

E' que a formação social dos anglo-saxões, desenvolvendo no máximo grau a vontade refletida e consciênte e o sentimento da responsabilidade, torna-os admiravelmente aptos para o esforço continuado e perseverante, para a luta rude, para a acção enérgica e intensa, isto é, dá-lhes a posse daquelas qualidades que acabam sempre por assegurar o triunfo na vida.

\* \* \*

Examinemos agora a formação social do prussiano. Comecemos pela família.

O primeiro fenómeno que registámos na Inglaterra — a emancipação precoce dos filhos — encontramos-lo também na Alemanha, mais generalizado até, porventura. Nas famílias operárias os filhos passam a viver sobre si aos 16 ou 17 anos; se algumas vezes ficam ainda na casa paterna, depois desta idade, é na qualidade de pensionistas.

Quererá isto dizer que a família alemã pertence ao tipo chamado *particularista*?

Para se incluir uma espécie familiar no grupo particularista não basta assinalar a saída precoce dos filhos da casa paterna: é necessário que a esta forma de emancipação ande associada a preparação correlativa do sentimento da responsabilidade; por outras palavras, é indispensável que a emancipação material esteja em correspondência com a emancipação moral adequada.

Observemos sob êste aspecto a família germânica.

A educação na família tende a desenvolver sobretudo o espírito de *ordem* e de *disciplina*; mas ordem *material*, disciplina *externa*. A ordem nas coisas produz naturalmente o gosto pela *limpesa*; os processos pelos quais se obtem a disciplina exterior levam ao desenvolvimento do hábito da *minúcia*.

A pressão do poder paternal é forte; mas a autoridade do pai, em vez de se exercer num campo bem definido e bem delimitado e de ser exclusiva dentro dêste domínio, tem uma esfera de acção bastante vaga e admite facilmente e complacentemente a intromissão duma autoridade estranha dentro dessa esfera.

Por outro lado, a autoridade paternal está sempre pendente: intervem constantemente, por tudo e a propósito de tudo. É necessário que a *ordem* reine; e é pela acção do poder paternal, tão insistente e tão repetida que chega a ser enfadonha e impertinente, que se estabelece na família a *ordem* e a *disciplina*, tão caras ao espírito germânico.

As crianças não são postas em presença da sua consciência para se criar e desenvolver nelas o sentimento do dever. O dever é a *obediência* à ordem; e é pela severidade, pela coacção, pelo terror que essa obediência se obtém.

O sistema aplicado sucessivamente em agrupamentos mais vastos — na oficina, na escola, no exército e na administração — gera uma mentalidade especial, que explica o facto de na guerra actual os alemães procurarem sistematicamente espalhar, em volta de si, o terror nas populações.

Com esta autoridade paternal, tão vigilante, tão intrometida, é claro que a liberdade de proceder e a liberdade de pensar ficam gravemente ameaçadas e reduzidas; a concentração interior, o recolhimento da alma sôbre si mesma que entre os anglo-saxões prepara e desenvolve a disciplina interna, o *self-control*, base para a eclosão do sentimento da responsabilidade individual, não encontra condições favoráveis de realização no seio da família germânica.

Em conclusão: na família alemã a emancipação *material* é precoce; mas a emancipação *moral* é muito deficiente (1).

A educação no lar doméstico desenvolve de preferência o espírito de *disciplina* externa, o gosto pela *ordem* material, o hábito da *minúcia* paciente.

---

(1) Paul Descamps, *La formation sociale au prussien moderne*, pág. 42, 43 a 47.



Com estas qualidades, o prussiano, libertado muito cedo do quadro familiar e sem a formação duma intensa autonomia moral, fundada no sentimento vivo da responsabilidade, está naturalmente disposto para sofrer a acção de autoridades estranhas e superiores ao agrupamento familiar. O prussiano, emancipado da tutela do chefe da família, em vez de exercer a sua iniciativa pessoal e de afirmar a sua personalidade, sente a necessidade dum apoio externo e é impellido para a procura e aceitação dum patronato — o patronato da fábrica, o patronato do exército, o patronato da administração, o patronato do Estado.

Quere dizer: a educação do prussiano na família predispõe-no, não para o esforço individual, mas para a acção corporativa, para o ingresso e o apoio na comunidade.

A formação primária do prussiano não é particularista, é comunitária. Formação comunitária *forte, organizada, disciplinada*; mas formação *comunitária*.

A oficina e a escola desenvolvem as tendências que a educação familiar cria na alma germânica.

O Estado alemão organizou a instrução no Império com o mais fervoroso carinho; mas, tendo na mão um instrumento tão precioso como a escola, não resistiu à tentação de se servir dele, observa Descamps (1), para preparar súbditos obedientes.

---

(1) *La formation sociale du prussien*, pág. 161.

Na verdade, a educação da escola não visa ao desenvolvimento da personalidade, como na Inglaterra; o que se pretende sobretudo cultivar é o espírito de obediência, a disciplina e o respeito exterior; e para isso empregam-se meios que teem sôbre o caracter uma influência depressiva: é o regime do terror e da desconfiança, com a prática freqüente das denúncias, donde vem a aptidão do alemão para a espionagem, tão largamente revelada e exercida na guerra actual.

Acrescente-se a isto a preocupação sistemática, a obsessão constante de inculcar no espírito das gerações novas o dogma da superioridade do Império Alemão, o delírio exaltado do pan-germanismo, a concepção mística de que a raça germânica tinha sido destinada por Deus para governar e dirigir o mundo, concepção tão profundamente enraizada na alma do povo, pela influência educativa da escola, que se converteu numa forte ilusão nacional e foi uma das causas mais poderosas da guerra — e reconhecer-se há que a pedagogia germânica é toda orientada no sentido de desenvolver e fortificar o espírito comunitário.

Tudo impele o alemão para a acção colectiva: a formação da família, a organização da oficina, a educação da escola. O prussiano não empreende um movimento largo e ousado senão encostado à comunidade, ou a comunidade seja a fábrica colossal, ou seja o sindicato poderoso, ou seja o exército arrogante, ou seja o Estado onnipotente.

Vejam, meus senhores, qual era, na guerra actual, a tática predileta do Estado-Maior alemão: o ataque em

mássas cerradas e compactas, em que cada soldado sentia atraz de si e ao seu lado a fôrça irresistível da onda colectiva, o apoio sólido e firme da comunidade militar!

O alemão não suporta o ísolamento, porque, em vez duma forte formação particularista — a única capaz de afrontar as inclemências da natureza —, o que a educação lhe ministra é uma indiscutível tendência comunitária.

Daí vem que o alemão emigra com muito mais dificuldade que o inglês e, quando emigra, dirige-se principalmente para os centros urbanos, onde se dedica de preferênciam ao comércio, fundando sucursais e agências dessas monstruosas organizações comerciais, bancárias e industriais da metrópole; a colonização agrícola, a exploração de terras desocupadas, a luta a sós com a natureza rebelde e indomável é emprêsa superior às fôrças dum prussiano.

E' nesta esfera de actividade que a formação inglesa triunfa; é neste género de trabalho que a formação prussiana sucumbe.

\* \* \*

Nesta altura, é ocasião de perguntar: Em que sentido deve orientar-se de preferênciam a nossa educação, a nossa formação social — no sentido anglo-saxónico, ou no sentido prussiano?

Não se suponha que eu pretendo, com esta interrogação, inculcar a conveniência de vasar inteiramente a nossa educação nos moldes perfeitos duma importação estrangeira, que eu quero insinuar a adopção, pura e simples, do *figurino inglês* ou do *figurino alemão*.

De modo algum. Há que reformar corajosamente a nossa educação, *mas sem nos desnacionalizarmos*; há que conservar as virtudes próprias e adquirir as alheias.

Não se trata de copiar servilmente; mas de adaptar e acomodar inteligentemente.

Mas adaptar e acomodar o quê: o tipo anglo-saxónico ou o tipo prussiano?

Consideremos a questão no ponto de vista *político* e no ponto de vista *social*.

Sob o aspecto político, é evidente que à anarquia latina é preferível a organização e a disciplina germânica.

Mas o que importa verificar é se a *ordem* obtida pelo sistema alemão vale mais do que a *ordem* assegurada pelos processos anglo-saxónicos.

A hesitação não é, a meu ver, admissível.

A ordem prussiana é a ordem *imposta* — produto de uma severa educação da disciplina externa e de uma forte compressão sôbre a personalidade. A ordem anglo-saxónica é a ordem *espontânea* — consequência do desenvolvimento intenso da responsabilidade e do sentimento vivo do dever social.

Numa a segurança e a tranquilidade pública derivam principalmente da forte organização da autoridade, com

sacrifício da liberdade individual e da iniciativa pessoal ; na outra o equilíbrio da vida pública é assegurado sobretudo pelo sentimento elevado da responsabilidade e portanto sem prejuizo da expansão da personalidade.

A escolha não é difícil.

No ponto de vista social, a questão reduz-se afinal a optar pela *formação particularista* ou pela *formação comunitária*. Ora a escola da Ciência Social, fundada por Le Play, aperfeiçoada por Turville, e continuada brilhantemente por Demolins e outros, fez, há muito tempo, a execução conscienciosa e fulminante do tipo comunitário.

A formação comunitária é a formação do passado ; a formação particularista é a formação do futuro.

Na verdade, o que é a formação comunitária ?

É o regime social em que o homem vive sempre encostado e apoiado a uma comunidade — a família, a tribu, a cidade, o Estado — à qual pede e da qual espera a satisfação de todas as necessidades e a resolução de todas as dificuldades.

Esta formação tem as suas origens na vida pastoril ; nasceu nas estepes asiáticas, nessas imensas regiões povoadas de erva, em que a humanidade iniciou a sua evolução ; dominou soberanamente em toda a antiguidade ; teve a sua consagração suprema no Egito dos Faraós ; domina ainda hoje nos países orientais e nos povos do ocidente que sofreram mais profundamente a influência de certos factores atrofiantes do esforço e do trabalho pessoal.

É o regime predilecto das sociedades mortas, que dormem, há muito, o sono profundo da imobilidade. Tem a sua expressão perfeita no conhecido provérbio turco: antes assentado do que de pé; antes deitado do que assentado; antes morto do que deitado. E' a apologia do descanso, da imobilidade, da morte.

Dir-se há: mas a formação comunitária levou a Alemanha a um progresso industrial, a uma expansão comercial e a uma potência política verdadeiramente assombrosas.

Há aqui um equívoco que importa desfazer.

O desenvolvimento económico da Alemanha é a obra e o produto, não da Alemanha nova, mas da velha Germânia; foram as qualidades, modestas mas sólidas, lentamente adquiridas pela raça — qualidades de trabalho, de sobriedade e de perseverança — que fabricaram as azas para os vôos prodigiosos do comércio e da indústria alemã. Quer dizer: é do *quasi-particularismo* da antiga Alemanha que veem as forças poderosas com as quais se ergueu o magestoso edifício da Alemanha imperial.

A tendência comunitária, desenvolvida pelo Império, não criou essas forças: aproveitou-as. O que a Alemanha comunitária e imperialista gerou foi o *militarismo*, o *funcionalismo* e o *socialismo*, que nunca produziram, nem são capazes de produzir, a prosperidade económica e social (1).

---

(1) Edmond Demolins, *A quoi tient la supériorité des anglo-saxons*, préface, pág. xv.

Basta refletir um pouco sôbre a marcha da civilização e sôbre a curva da evolução social para se reconhecer que caminhamos irresistivelmente da formação comunitária para a formação particularista, que aquela é o regime do passado e esta o regime do futuro.

A formação comunitária assenta sôbre o repouso e sôbre o mínimo esforço; é o estado social em que o homem espera tudo da natureza e da comunidade e reduz, o mais possível, o trabalho próprio e a actividade pessoal.

Qual é a fase social que está em correspondência exacta com este modo de vida?

É evidentemente o período em que as produções espontâneas da natureza bastam para satisfazer as necessidades humanas. O homem encontra em volta de si, ao alcance do braço, um sustento copioso que a natureza generosamente lhe oferece.

Para os inválidos, para os incapazes e para os velhos a comunidade familiar é desvelada e terna.

Mas, à medida que a população aumenta, os recursos espontâneos da natureza vão-se tornando cada vez mais insuficientes.

Começa então o contraste e o conflito entre as duras necessidades da vida, que obrigam ao trabalho, e a formação comunitária, enraizada na alma da raça, que impele para o repouso.

Como sai o homem d'este conflito?

E' a formação social que vence, porque tem por si a fôrça do hábito, tanto mais irresistível quanto mais agradável.

Quere dizer, o indivíduo, posto em face das dificuldades da vida, em vez de as afrontar e vencer nobremente, procura subtrair-se a elas explorando os outros, vivendo à custa alheia, encostando-se à comunidade.

De homem desce à condição de *parasita*.

E' um parasita, diz Demolins (1), o mancebo, vigoroso e cheio de fôrça, que, podendo perfeitamente prover às suas necessidades, conta com o dinheiro dos pais para se instalar e singrar na vida — *vive á custa da familia*.

E' um parasita o rapaz, saudável e bem formado, que consome a sua existência em busca dum casamento rico — *vive à custa da mulher*.

E' um parasita o homem diante do qual se abrem as profissões independentes — o comércio, a indústria e a agricultura — e que a essas profissões prefere as carreiras administrativas, porque dispensam o esforço e a iniciativa — *vive à custa do orçamento*.

Por estes e outros processos o regime comunitário prolonga-se artificialmente através de uma fase social que já lhe não corresponde. E' uma sobrevivência mórbida, entretida por processos parasitários.

À medida que a vida exige uma maior soma de trabalho e de energia, a formação comunitária procura resolver o problema social com uma menor parcela de esforço e de actividade.

Qual é o resultado?

---

(1) *A quoi tient...*, pág. 358.



O desequilíbrio é cada vez mais profundo.

Se a classe dos parasitas engrossa sempre, é claro que a classe dos trabalhadores tem de impôr-se uma tarefa, sucessivamente mais rude e mais penosa, para acudir às necessidades instantes da vida social; mas, por mais que faça, não pode suprir a inércia e a desocupação dos primeiros. A onda sobe; o desequilíbrio agrava-se dia a dia; o mal estar alastra.

Para os parasitas a vida torna-se um horizonte estreito e acanhado, sem esperanças nem alegrias; para os trabalhadores um fardo esmagador, sem consolações nem conforto. Uns e outros sentem a nostalgia, o desencanto, o enfado de viver.

E êsse desencanto manifesta-se sob formas diversas (1): é a famosa doutrina do *Nirvana*, que se difunde na Índia e nas populações do Extremo-Oriente; é o *nihilismo* slavo — a negação e destruição de tudo; é o *socialismo* que floresce entre os povos comunitários do Ocidente; é finalmente o *pessimismo* — essa flor exótica que ostentam, com elegância e com artifício, os intelectuais inertes e decadentes.

Todos estes seres — budistas, nihilistas, socialistas e pessimistas — são, no fundo, *vencidos da vida*, indivíduos de formação comunitária que, em vez de afrontarem galhardamente as dificuldades da vida, capitulam miseravelmente perante elas, numa abdicação sem honra nem brilho.

---

(1) Demolins, *A quoi tient...*, pág. 361 a 363.



Não é seguramente a estes exemplares, nem ao tipo social em que se filiam — *o tipo comunitário* — que há de pertencer o futuro do mundo.

O futuro é daqueles que fazem do trabalho próprio o fundamento e o alicerce da sua vida; que, em vez de se encostarem aos outros e de apelarem para a comunidade, fiam tudo da sua energia pessoal, da sua aptidão própria, da sua virilidade individual.

« Ganharás o pão com o suor do teu rosto », diz o livro sagrado. A humanidade foi condenada à dura lei do trabalho áspero e intenso. Condena-a a isso a natureza, cada vez mais inclemente e rebelde; condenam-na a essa lei as exigências da vida social, cada vez mais agudas e imperiosas.

Há muitos séculos que do céu não cai o maná providencial e salvador.

Portanto, a formação social que produzir uma maior aptidão para o trabalho e para o esforço, que desenvolver melhor a iniciativa individual, que cultivar mais cuidadosamente a personalidade, terá positivamente assegurados o triunfo na vida e a conquista pacífica do mundo.

Essa formação social é a *formação particularista* que, partindo do princípio de que o homem só vale por si, pela sua capacidade de trabalho, pela sua energia, pela sua tenacidade, procura desenvolver e fixar essas qualidades.

E, se pensarmos um pouco, vemos que a superioridade social tem-se afirmado no sentido do predomínio

da formação particularista sôbre a formação comunitária.

Os povos triunfam uns sôbre os outros, sob o ponto de vista social, à proporção que o seu particularismo vai dominando e vencendo a formação comunitária. E' o que explica a ascendência dos povos orientais sôbre os peles-vermelhas, a seguir o predomínio dos povos do ocidente sôbre os do oriente e por fim o triunfo dos anglo-saxões sôbre os latinos e os germanos.

Tudo nos aconselha, pois, a que reformemos a nossa educação social no sentido da formação particularista.

E' necessário que os pais se compenetrem da alta verdade — que não devem a seus filhos uma herança, uma fortuna feita, que só lhes devem educação, mas uma educação forte e viril, capaz de os habilitar a vencer as dificuldades da vida.

É necessário que os filhos se convençam de que teem de bastar-se a si mesmos, de que não podem contar com a herança do pai ou com o dote da mulher para acudirerem aos seus embaraços, de que hão de talhar pelo seu braço e pelo seu esforço o lugar que lhes há de pertencer no mundo.

É necessário que os poderes públicos reduzam ao mínimo as suas atribuições e os seus funcionários e que a mocidade seja projectada para as profissões independentes e livres, que exigem esforço e produzem riqueza — a agricultura, o comércio, a indústria.

Numa palavra: é necessário prègar a religião do trabalho. E' necessário sacudir êste torpor, esta preguiça nacional, que nos envergonha e nos enfraquece. Lá diz o poeta:

Quando a preguiça morrer  
Até o monte maninho  
Até fraguedos da serra  
Darão rosas, pão e vinho.

Eu já vislumbro alguns sintomas de progresso. Eu já vejo bachareis que não desdenham lançar-se no comércio e na indústria e que nessas carreiras alcançam êxitos notáveis; já descubro grandes proprietários, cultos e ilustrados, que se aproximam dos seus domínios e cultivam amorosamente as suas terras; já encontro professores que encaram a sério a sua profissão e que não se limitam a ensinar, cuidando também de educar.

Mas são tentativas isoladas, ensaios dispersos.

E' indispensável que uma acção combinada e coordenada refaça toda a nossa educação — na família, na oficina, na escola e na sociedade.

E já que é pela vida de família que a reforma tem de começar, eu não encontro, de momento, outra exortação mais salutar e mais nobre, a dirigir aos pais e às mães portuguesas, do que esta: dai conforto à vossa casa, melhorai o vosso lar, fazei dele um ninho aconchegado, atraente, acolhedor e carinhoso.

Uma das diferenças características entre a formação comunitária e a formação particularista é a instalação do lar doméstico.

Para o comunitário o lar é principalmente a parte externa e material, a casa, a fachada; o interior não conta, quasi que não existe. Daí vem que certas casas se transmitem de pais a filhos, de geração em geração, e todavia a instalação interna é tudo o que há de mais sumário e de mais desolador: um catre arruinado, uma cadeira quebrada, uma arca pôdre.

E quando a família ocupa uma situação social que a obriga a cultivar a vida de relação, o que se ornamenta e se arranja é a sala de visitas, o salão de recepção, isto é, os compartimentos destinados aos outros, aos estranhos. Os quartos de dormir, os gabinetes de trabalho, as saletas onde a família deve reunir-se e concentrar-se, tudo isso é relegado para um plano muito secundário.

Daí vem que os pais e os filhos fogem do lar doméstico, como de um lugar condenado e maldito. Para muitos a casa, diz um escritor (1), é destinada apenas a exercer as funções de uma cama com um teto por cima.

Para o particularista, pelo contrário, o lar é sobretudo o *interior* que êle procura, com a maior solicitude e a maior devoção, tornar confortável, calmo, agradável.

---

(1) Agostinho de Campos, *Casa de pais, escola de filhos*, pág. 93.

Eu quero sómente pôr diante de quem me ouve o seguinte quadro :

« A casa onde fomos recebidos compreende o rés do chão e um primeiro andar. Ofereceram-nos o chá numa quadra que serve, a um tempo, de sala de jantar e de salão. Percorro a estância com a vista e noto um canapé, um piano, um tapete que cobre grande parte da sala e sôbre o qual foi colocado, por baixo da mesa, um segundo tapete mais pobre, para proteger o primeiro. A mesa é quasi luxuosa : toalha de tecido fino, bonito serviço de porcelana, cinco ou seis pratos de bolos diferentes, e torradas ».

Quem fala é Edmond Demolins (1). E o que imaginam os senhores que êle nos descreve? O interior do pequeno *cottage* de um *operário escocês* de Penicuik, vila das proximidades de Edimburgo, onde lhe foi servida uma xícara de chá.

E não se suponha que esta instalação é excepcional. Paul Descamps, que fez um inquérito consciencioso sôbre a educação e a vida inglêsa, fala a cada passo da casa operária e confirma a descrição de Demolins. Há sempre um aposento -- a *sitting room* -- em que a família se reúne, com um canapé, um piano, cadeiras, tapetes, cortinas, uma estante com livros, etc. (2).

---

(1) *A quoi tient la superiorité des anglo-saxons*, pág. 160 e 161.

(2) Paul Descamps, *La formation sociale de l'anglais moderne*, pág. 247.

Como é desolador e doloroso para nós o confronto entre o *home* dum operário inglês, ou seja da cidade, ou seja do campo, e a toca miserável e sórdida em que vegetam a maior parte dos nossos camponeses, alguns mesmo de condição social superior à de simples operários!

E não há influência mais poderosa do que aquela que a instalação do lar exerce sobre o nosso character, porque é uma influência íntima, constante, indelével.

O desconforto, a nudez, a desordem do lar comunitário têm sobre o character uma acção tristemente depressiva: abatem o ânimo, aviltam o espírito, tornam a existência um horizonte mesquinho, sem ideal nem beleza.

Ao inverso o conforto, a ordem, o asseio, o conchêgo do lar particularista exercem sobre o character uma acção eminentemente educativa e estimulante.

Com efeito, nota Demolins, a instalação confortável desenvolve, em primeiro lugar, o sentimento da dignidade e da independência. Dentro do seu *home* atraente e respeitável, o inglês sente-se mais *homem*, mais distanciado da caverna do troglodita, tem um sentimento mais nítido da sua dignidade e uma consciência mais perfeita da sua respeitabilidade.

Em segundo lugar a instalação confortável predispõe para o esforço. O individuo que, dia a dia, goza o prazer e aprecia os benefícios dum melhoramento introduzido na sua instalação é naturalmente impellido a procurar outros melhoramentos, mais altos e mais

finos; cada vez se torna mais exigente, e como só pode satisfazer a sua exigência pelo trabalho, tem de aumentar sucessivamente o seu esforço.

Finalmente a instalação confortável cria nos indivíduos a aptidão para se elevarem. Se um operário inglês consegue, pelo seu esforço, atingir as mais elevadas situações — e o caso é freqüente — êsse homem comportar-se há na sua alta posição como um verdadeiro *gentleman*. Nada trairá a sua origem operária: nem o hábito externo, nem as maneiras, nem o gosto, nem a linguagem.

Em todo o operário existe já um *gentleman* em germen. E' a influência educativa do conforto no lar (1).

Veja-se agora o que sucede, na formação comunitária, com os indivíduos de origem modesta que conseguem um dia enriquecer-se. Êsses indivíduos dificilmente conseguem apurar a sua linha, afinar as suas maneiras, educar o seu gosto; hão de ser toda a vida *rústicos*, pelos seus hábitos grosseiros, pelas suas ideias acanhadas, pelas suas atitudes mesquinhas.

A instalação viciosa no lar imprimiu-lhes uma marca indelével de inferioridade social.

Que as famílias portuguesas se compenetrem desta verdade: a organização dum lar confortável e agradável é o emprêgo de dinheiro mais acertado, é a colocação de capital mais produtiva e remuneradora.

---

(1) Edmond Demolins, *ob. cit.*, pág. 196 e seguintes.



\* \* \*

Estudantes de Portugal: nós encontramos-nos num momento histórico de gravíssima responsabilidade. A salvação duma Pátria, heroica e livre, a sorte duma nacionalidade, brilhante e gloriosa, está confiada às nossas mãos e ao nosso coração.

E' necessário ter juízo. Mas é necessário também ter fé — a fé vital e milagrosa na nossa fôrça nacional e nos altos e épicos destinos da nossa raça (1).

Para educar o nosso character e formar a nossa vontade a disciplina anglo-saxónica é certamente preciosa; mas para afervorar a nossa fé e alevantar a nossa alma só ha uma inspiração luminosa e magnífica — a Grandeza de Portugal!

---

(1) Agostinho de Campos, *Educar*, pág. 321.







RÓ  
MU  
LO



\*1329643769\*

CENTRO CIÊNCIA VIVA  
UNIVERSIDADE COIMBRA

